



**TERRAS SENTIDAS – ENTRE O LAMENTO E A DENÚNCIA: A
POESIA DE RESISTÊNCIA DE AGOSTINHO NETO**

**TERRAS SENTIDAS - BETWEEN THE
AFFLICTION AND THE COMPLAINT: THE POETRY OF
RESISTANCE BY AGOSTINHO NETO**

Celiomar Porfírio Ramos¹
Marinei Almeida²

Recebimento do texto: 03/02/2017

Data de aceite: 29/05/2017

RESUMO: O presente artigo tem a finalidade de realizar algumas considerações acerca do engajamento literário do poeta angolano Agostinho Neto. Para isso, utilizamos o poema "Terras sentidas", publicado na obra *Sagrada Esperança* (1985), para a análise e discussão sobre o engajamento do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Engajamento literário; Agostinho Neto; Poesia.

ABSTRACT: This article is intended to realise some considerations about the literary engagement of the Angolan poet Agostinho Neto. For this, we use the poem "Terras Sentidas" contained in the literary work *Sagrada Esperança* (1985), in order to realise an interpretative analysis, identifying the engagement of this author.

KEYWORDS: Literary Engagement; Agostinho Neto; Poem.

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
Cuiabá – Mato Grosso, celiomarramos@hotmail.com

² Doutora em Literatura pela USP.





Sobre o poema – algumas palavras iniciais

O poema é genuinamente caleidoscópico, assim o compreendemos em sua semântica pelo fato dele não se esgotar no que diz respeito às suas significações, pois segundo Paz (2003) o poema é, assim como o homem, inacabado e, em virtude disso, elaborar poemas é uma maneira na qual o homem procura se realizar e se acabar, entretanto, sem se acabar definitivamente. Sendo assim, o homem é compreendido como o poema, como um ser em constante processo de completar-se.

O homem permanece, assim como o poema, numa constante procura. Todavia, segundo Paz, esse encontro não ocorre, pois ambos – o poema e o homem – não alcançam a completude, são inacabados.

No que se refere a incompletude do poema é possível afirmar, com base em Valéry (1991, p. 200), que as palavras na poesia alcançam um novo valor sobrepondo ao significado finito, pois deixam de ter um sentido uno para ser plurissignificativo. Consoante a essa ideia Compagnon (1999) estabelece distinções entre a linguagem poética e a linguagem cotidiana, afirmando que:

A linguagem literária cultiva sua própria opacidade (é intransitiva, perceptível). Numerosas são as maneiras de apreender essa polaridade. A linguagem cotidiana é denotativa, a linguagem literária é mais conotativa (ambígua, expressiva, perlocutória, auto-referencial): "significam mais do que dizem", observava Montaigne, referindo-se às palavras poéticas. A linguagem cotidiana é espontânea, a linguagem literária é mais sistemática (organizada, coerente, densa, complexa). O uso cotidiano da linguagem é referencial e pragmático, o uso literário da língua é imaginário e estética. A literatura explora, sem fim [...]. (COMPAGNON, 1999, p. 40).





A linguagem literária possui opacidade graças ao fato de que a palavra no texto literário liberta-se do sentido cotidiano para tornar-se livre e, conseqüentemente, “significar mais do que dizem”.

Paz (2003) ao tratar sobre essa riqueza de significações do texto literário afirma, ainda, que o poema se apresenta como recriação. O poema é visto pelo crítico como um círculo que se fecha sobre si mesmo, no qual denomina como um universo autossuficiente que apesar de repetir se recria constantemente.

Referente a esta questão, Valèry (1991) pondera também que a poesia pode ser entendida como arte da linguagem, constituída por combinação de palavras capaz de produzir emoções que outras não produzem.

A análise de um texto literário, especialmente, o poema pode focar diferentes aspectos. Valèry (1991, p. 203) afirma que o poema é alternadamente julgável, podemos salientar aspectos “pela fonética, pela semântica, pela sintaxe, pela lógica, pela retórica, pela filologia, sem omitir a métrica, a prosódia (estudo do ritmo) e a etimologia”.

Kristeva (2005, p. 183), ao tratar sobre a linguagem poética, afirma que há um jogo quando se trata da relação existente entre o significado poético e o referente. Segundo a autora, o significado poético remete e não remete a um referente que “existe e não existe; é, ao mesmo tempo, um ser e um não ser” (KRISTEVA, 2005, p. 183). Assim, é possível compreender que a linguagem poética foge à realidade da linguagem cotidiana, pois para esta as coisas são ou não são, já na poesia temos esse jogo entre o significado poético e o referente.

Em relação à sua criação, Abdala Junior (1989, p. 23) pondera que ninguém cria do nada, para que uma produção literária seja materializada o escritor absorve substratos da sociedade e os metamorfoseia em sua escrita.





Partindo desse princípio podemos afirmar que, entre outros elementos, o escritor produz, também, a partir da realidade social:

Quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que escreve através dele. Na sua escrita está uma confluência da práxis coletivas, desde a específica da série literária até às outras, relativas à sua atividade noutros campos semânticos do trabalho social. (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 23).

Vale mencionar que não se refere a um retrato da realidade ou da sociedade, como se pode observar acima, o poeta cria tendo como base a realidade, mas ao escrever há uma reestruturação da realidade, segundo afirma Candido (2006).

Abdala Junior, citado acima, dialoga com a assertiva de Paz (2003) no que se refere ao fato de que a poesia, tem sua base na sociedade. Paz pondera ainda que não há sociedade sem poesia demonstrando, assim, uma relação íntima para que elas coexistam:

[...] não há sociedade sem poesia [...]. Às vezes os dois termos aspiram a desvincular-se. Não podem. Uma sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria, sociedade transumana em que todos seria um ou cada um seria um todo autossuficiente. Uma poesia sem sociedade seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a uma perpétua conjunção que se resolve em instantânea discórdia, os dois termos buscam uma conversação mútua. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo; e do poema em vida social, em imagem encarnada. (PAZ, 2003, p. 96).

O texto literário, portanto, muitas vezes lança mão dos aspectos históricos sociais em sua constituição. Com base em Candido, compreendemos que a literatura é fruto de um resultado do entrelaçamento de





fatores sociais, levando em consideração que “[...] a literatura, como fenômeno da civilização, depende para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. (CANDIDO, 2006, p. 21).

Os fatores sociais que estruturam uma obra literária são demarcados temporalmente e, por isso, pensamos ser essencial compreender o contexto histórico social de produção de uma obra que, em sua constituição, aponte para dados da realidade, como é o caso da produção poética de Agostinho Neto, *corpus* de análise deste artigo. Corroborando com tal pressuposto, Oliveira (2014) afirma que a obra de Agostinho Neto ao ser analisada deve considerar sua história de vida: “atuando como um poeta revolucionário, combatente na luta anticolonial e primeiro presidente angolano, António Agostinho Neto é, sem dúvida, um desses casos em que vida e obra não se separam em uma análise” (OLIVEIRA, 2014, p. 64).

A posição tomada para análise é de que o texto literário remete a fatores sociais, por ser ele uma manifestação social, buscaremos compreender e evidenciar, portanto, a crítica social desfechada a um período bastante delicado na história de Angola, que a produção poética de Agostinha Neto competentemente aponta no poema “As terras sentidas”, contido na obra *Sagrada Esperança* (1985).

“As terras sentidas” – entre o lamento e a denúncia

O título do poema “As terras sentidas” remete à África, confirmado logo no primeiro verso, porém não aponta para uma “África” *una*, mas plural e sofrida. Sofrida pela sua história “antiga e nova” em que eventos como a escravidão, a ocupação e a exploração são apontados pelo viés literário. Pensar assim nos possibilita enveredar por uma leitura que mescla denúncia e lamentação. Assim lemos nos versos desse poema:





AS TERRAS SENTIDAS

As terras sentidas de África
nos ais chorosos do antigo e do novo escravo
no suor aviltante do batuque impuro
de outros mares

As terras sentidas de África
na sensação infame do perfume estonteante
[da flor
Esmagada na floresta do ferro e do fogo
As terras sentidas

As terras sentidas de África
no sonho logo desfeito em tinidos de chaves
[carcereiras
e no riso sufocado e na voz vitoriosa dos
[lamentos
e no brilho inconsciente das sensações
[escondidas
das terras sentidas de África

Vivas
em si e conosco vivas

Elas fervilham-nos em sonhos
ornados de dança de embondeiros sobre
[equilíbrios
de antílope
na aliança perpétua de tudo quanto vive
Elas gritam o som da vida
Gritam-no
Mesmo nós cadáveres devolvidos pelo
[Atlântico

em oferta pútrida de incoerência e morte
e na limpidez dos rios

Elas vivem
as terras sentidas de África
no som harmonioso das consciências
incluída no sangue honesto dos homens
no forte desejo dos homens
na sinceridade dos homens
na razão pura e simples da existência das
[estrelas

Elas vivem
as terras sentidas de África
porque nós vivemos





e somos as partículas imperecíveis
das terras sentidas de África.
(AGOSTINHO NETO, 1985, p. 118-119).

O poema chama atenção para períodos bastante críticos em Angola, períodos estes que remetem tanto ao processo colonial como o pós-colonial. Comparece, no poema, uma dicotomia entre o antigo e novo escravo. Entendemos que ao realizar essa divisão o poema diz respeito ao negro explorado no período colonial e que tal exploração se estende em períodos posteriores.

Em se tratando da dicotomia entre o “antigo e novo escravo” concordamos com a assertiva de Memmi (1967) que afirma que o colonialismo não acaba com a independência. Ao libertar-se das amarras do colonialismo há, por um breve momento, a ilusão de ser livre, porém o que ocorre de fato é a permanência de uma certa “escravidão” ou, se quisermos amenizar o termo, de explorados, pois os resquícios e consequências perduram por longo tempo. É válido mencionar, ainda, que antes o velho escravo vivia sob o julgo colonial e que agora, após a libertação, os “ais chorosos” do “novo escravo” são frutos da liberdade que ainda não chegara a ser concretizada, pois sabemos que logo após a independência Angola é envolvida em guerras civis por um longo período. Os “ais chorosos” remetem a ideia de lamento e de dor. Lamento por não alcançar o principal sonho que é libertar-se do sofrimento, da subjugação deixados pelo processo colonial.

Inúmeros fatores proporcionaram dores físicas e psicológicas frutos da colonização, dentre eles podemos citar o envio dos negros para outras colônias europeias para serem escravizados e, conseqüentemente, a separação forçada da família, a imposição da cultura outra (ou outras), a guerra civil que dizimou inúmeras vidas e espalhou o medo entre o povo, dentre outros fatores negativos que corroboraram para tamanho sofrimento desse povo.





Nos versos seguintes lemos “no suor aviltante do batuque imputo/ de outros mares/ sentidas”. Normalmente, relacionar o batuque como algo “impuro” na cultura angolana é reconhecer um ar negativo nesse ato se pensarmos no fato de que várias celebrações desse povo estão intimamente ligadas aos batuques, à música. Todavia, no poema, ele se torna impuro e humilhante graças a eventos relacionados ao ato colonizador, ou seja, dos povos “de outros mares”.

O batuque, portanto, representa aí os açoites sofridos pelos negros. Tal leitura nos leva a refletir que, geralmente, os tambores são construídos com pele de animais. Ao apontar que os batuques são impuros e considerarmos que a pele do negro é, nesse contexto, o próprio tambor, alguns pontos merecem destaques, dentre eles o fato do negro ter sido por muito tempo (e neste momento em que a poesia de Agostinho Neto foi escrita) equiparado a um animal irracional, o negro visto como “algo” que está à disposição do outro, mesmo que por meio do uso da força, apontamos aí, portanto, para a coisificação do negro.

Os batuques antes sinônimo de alegria, de celebração e de festas, no contexto em questão, em virtude das ações do colonizador assume um novo significado, o de humilhação.

Na segunda estrofe do poema, lemos:

As terras sentidas de África
na sensação infame do perfume estonteante
[da flor
Esmagada na floresta do ferro e do fogo
As terras sentidas.
(AGOSTINHO NETO, 1985, p. 118-119).

Nesse trecho são mencionadas marcas deixadas pelo colonialismo. O poeta lança mão de elementos sinestésicos que apontam para sensações,





especialmente para o olfato, sugerindo assim, a destruição causada por tal processo.

Nesse poema, África é mostrada como frágil e delicada e, por isso, comparada a uma flor que foi esmagada. A fragilidade do continente e, também, de Angola perante o colonizador é evidenciada quando o poeta menciona que a flor foi esmagada na floresta. Vale ressaltar que não se trata de uma simples floresta, mas a “floresta do ferro e do fogo”. Essas características em relação a floresta remetem aos conflitos entre o colonizador e o colonizado.

Considerando o exposto notamos que “as terras sentidas de África” possuem motivos consideráveis para lamentar pela situação, haja vista que a violência perpassa a história de Angola, pois segundo Hernandez (2005, p. 109) a colonização sempre foi marcada pela violência:

De todo modo, o processo de colonização foi sempre marcado pela violência, pelo despropósito e, não raro, pela irracionalidade da dominação. O confisco de terras, as formas compulsórias de trabalho, a cobrança abusiva de impostos e a violência simbólica constitutiva do racismo feriram o dinamismo histórico dos africanos. (HERNANDEZ, 2015, p. 109).

Notamos que é impossível pensar o processo de colonização sem considerar a violência por ele proporcionada. Entendemos que tal processo, a da ocupação, anda lado a lado com a violência, pois as atitudes do colonizador de uma forma ou de outra tem como consequência a exploração do colonizado e do espaço ocupado.

Em virtude da exploração sofrida, as lamentações e os desabafos das “terras sentidas” vão ganhando maior proporção a medida que as desventuras são apontadas pelo poeta. A evidência desse fato está nos últimos versos da





primeira, segunda e terceira estrofes, respectivamente, na repetição das sentenças: “sentidas”, “as terras sentidas”, “as terras sentidas em África”. Podemos inferir tal fato por haver a agregação de vocábulos de forma crescente nos versos supracitados, sendo o primeiro apenas um vocábulo; o segundo, três vocábulos; e no terceiro, cinco vocábulos. Sugerindo, com esta espécie de denúncia, que a voz do povo angolano que era silenciado e/ou pouco ouvido, nesse contexto, passa a ter alguma força. Vale ressaltar que isso não acontece imediatamente, mas de forma gradativa, sendo fruto de muita luta e persistência por parte do povo angolano. Esse ato de resistência é possível evidenciar no primeiro verso das três estrofes iniciais do poema ao repetir acentuadamente o mote: “as terras sentidas de África”.

A terceira estrofe do poema aponta para os sonhos desfeitos do colonizado, ou seja, não alcançados graças a influência e/ou as imposições do “outro”:

As terras sentidas de África
no sonho logo desfeito em tinidos de chaves
[carcereiras
e no riso sufocado e na voz vitoriosa dos
[Lamentos
e no brilho inconsciente das sensações
[escondidas
das terras sentidas de África.

O sonho de tornar-se liberto das amarras do colonizador por muitos anos manteve a esperança acesa no povo angolano, porém esse sonho demorou a concretizar e muitas vezes foi adiado, dissipando, assim, a esperança de uma nação. O ápice da frustração da nação ocorre logo após a proclamação da independência nacional de Angola, em 1975, momento em que o país acreditava que iria vigorar a paz, porém momento depois é





instaurada a Guerra Civil em Angola, onde os movimentos de Libertação – MPLA, FNLA e UNITA – lutam a fim de garantir o poder de governar o país.

O poeta poderia utilizar “nos sonhos”, mas ao invés disso usa “no sonho”. Isso nos leva a sugestão de que trata-se de um sonho maior, que sobrepõe aos demais, por ser o sonho de liberdade da nação, a angolana.

O poder do “outro”, aqui lido como o poder do colonizador, não apenas desfez os sonhos dos angolanos. Sua ação foi devastadora e o poema de Agostinho neto aponta isso ao apresentar ideias contraditórias no verso: “no riso sufocado e na voz vitoriosa dos lamentos”. Entendemos que o colonizado tenta de todas as formas vencer as imposições e opressões do colonizador. Quando lemos o termo “riso” poderíamos crer que remete a um momento de comemoração, a fim de expressar sentimentos e/ou satisfação referente a algo positivo. Todavia, o poema trata sobre o riso sufocado que, segundo nossa visão, ocorre graças a opressão exercida pela situação de castração e negação nesse espaço.

A ideia de oposição reverbera em toda a estrofe. Nos últimos versos do poema, terceiro e quarto, temos: “e no brilho inconsciente das sensações escondidas/ das terras sentidas de África”. Apesar da oposição e da depreciação sofrida por Angola, aqui o todo aponta para a representação de uma parte, ou seja, o poeta ao mencionar África diz respeito a Angola, frisa, assim, que apesar do “outro” buscar desfazer os sonhos, sufocar o riso, Angola possui um brilho inconsciente que sobrepõe as tentativas do opressor. O brilho inconsciente mencionado pela voz poética aponta a esperança de dias melhores. Ele permanece aceso e insiste em manter-se vivo.

Corroborando com a leitura acima lemos nos versos seguintes:

Vivas
em si e conosco vivas
(AGOSTINHO NETO, 1985, p. 118-119).





Aí afirma que “no brilho inconsciente” há esperança, apesar de muitas vezes ser um dos sentimentos escondidos, esse brilho, essa luz permanece acesa e viva nas terras sentidas de África.

Dessa maneira, esses versos nos leva a pensar que as “sensações escondidas” estão vivas em África, demonstrando que a esperança é algo inerente aquele que acredita em mudança. Em outro momento, lemos: “e conosco vivas”, assertiva que nos leva a crê que é a esperança que mantém aceso o brilho inconsciente e, conseqüentemente, a vida e o desejo de dias melhores, onde o povo angolano possa ter uma sociedade justa e livre da exploração.

Silva (2013) afirma que o tema da esperança é recorrente na escrita de Agostinho Neto. Pondera, ainda, que a esperança é reforçada em muitos poemas, conforme observamos claramente não só no poema aqui lido, mas no título da obra: *Sagrada Esperança*, espaço que abriga o referido poema em análise. Segundo Silva, esse elemento, a esperança, “torna-se fundamental como alimento para a luta pela independência, pela busca do fim da exploração europeia” (SILVA, 2013, p. 8).

Na estrofe, abaixo descrita, seus versos remetem, novamente, às terras sentidas, porém sem mencionar tal termo, substituindo-o pelo pronome pessoal “elas”:

Elas fervilham-nos em sonhos
ornados de dança de embondeiros sobre
[equilíbrios
de antílope
na aliança perpétua de tudo quanto vive
Elas gritam o som da vida
Gritam-no
Mesmo nós cadáveres devolvidos pelo
[Atlântico





(AGOSTINHO NETO, 1985, p. 118-119).

É possível perceber, considerando o primeiro verso, que essas terras de África estão repletas de sonhos, de expectativas. No verso “elas fervilham-nos” busca evidenciar que em virtude dos acontecimentos, comparecem movimentos instigando a valorização da cultura local e os movimentos em prol da libertação nacional, pois o país está a gerir um sonho comum, o desejo de dias melhores e mais justos.

Não é, apenas, os angolanos que desejam dias melhores, mas todos os elementos que envolvem aquele ambiente. Tudo o que vive em Angola realiza uma aliança em prol a requerer dias melhores, conforme é possível ler nos versos: “ornados de dança de emboedeiros sobre/ equilíbrios/ de antílope/ na aliança perpétua de tudo quanto vive” (NETO, 1985, p. 118). Nesses versos, claramente, observamos o uso de elementos da fauna (antílope) e da flora (emboedeiros) para demonstrar que não só o homem deseja que os sonhos sejam alcançados, mas em terra, pois “tudo quanto vive” clama por dias melhores.

Esse clamor não é algo paciente, ao contrário. Estamos tratando de um momento de desespero, onde todas as instâncias da nação anseiam liberdade: “Elas gritam o som da vida/ Gritam-no”. (NETO, 1985, p. 118).

O ato de gritar presente nos versos do poema é tomado como uma forma de denúncia, onde os negros que foram silenciados, sobretudo, os angolanos passam a ter oportunidade de manifestar sua insatisfação e revolta perante a realidade. Demonstrando, assim, um ato de desespero, além disso, nos leva a crer que as possibilidades de diálogo entre o colonizado, as terras sentidas, e o colonizador foram esgotadas e, por isso, fez-se necessário o grito. Os gritos das “terras sentidas” são necessários, haja vista que por um longo período o processo colonial silenciou África. O fato de ter sido silenciado por





um longo período instituiu e/ou acendeu no colonizado o desejo de romper com o silêncio e na primeira oportunidade buscou reverter de maneira desesperada tal situação.

O exposto nos remete ao trabalho de Deus (2012), especialmente, quando este trata da poesia coletiva e o sofrimento coletivo na escrita de Noémia de Sousa, poetisa de Moçambique, quando afirma que essa escritora

não abre mão do coletivo, que não se entrega a individualismo egoísta. É aquela que está atenta aos sofrimentos dos seus irmãos. [...] faz do campo poético um campo de resistência e de manifestação de um sofrimento [...] vivido por seu povo. (DEUS, 2012, p. 64).

Entendemos que a escrita de Agostinho Neto também envereda pelo caminho da poesia coletiva e do sofrimento coletivo, assim como fez Noémia de Sousa em seus poemas. A demonstração de que uma poetisa de Moçambique e um poeta de Angola utilizam o campo poético como um campo de resistência e manifestação de um sofrimento, corrobora com a perspectiva de que a literatura africana, nesse momento, é uma literatura engajada, social e política que está comprometida com o ideal coletivo.

Na estrofe, citada acima, observamos que mais uma vez o termo “as terras sentidas” é substituído pelo pronome “elas”, denotando, assim, a falta de voz dessas terras. O pronome denota, também, certa perda da identidade do povo angolano em virtude da exploração. Em relação ao contato com o europeu, Silva (2013) afirma que este continente “ao longo da história foi perdendo sua identidade, acontecimento evidente ao povo africano colonizado devido ao contato com o europeu, e principalmente, à exploração do mesmo povo” (SILVA, 2013, p. 8). Esse contato trouxe a sensação de perda da identidade.





Lemos esta questão nas três primeiras estrofes do poema em que no primeiro verso de cada estrofe África é identificada um sentimento de sofrimento e ressentimento quando traz, por repetidas vezes, esta sentença: “as terras sentidas de **África**”. Já as demais estrofes do poema, especialmente, a quinta, a sétima e a oitava o substantivo “África” é substituído pelo pronome “elas”, conforme é possível constatar nos seguintes versos: “**Elas** fervilhavam-nos em sonhos”, “**Elas** vivem”, “**Elas** vivem”.

Notamos que não é mencionado em um primeiro momento, nesses versos, o termo “África”, denotando, assim, certa confusão no que diz respeito a identidade. Isso fica bastante evidente na quarta, quinta e sexta estrofes, nas quais fazem referência à África apenas por meio da flexão dos verbos e por meio dos pronomes.

Considerando o exposto, em um exercício de leitura, podemos dividir em três momentos o poema apresentado. O primeiro deles refere-se ao momento em que há uma consciência das atrocidades em que os angolanos foram submetidos. O segundo momento tem como característica uma crise de identidade, haja vista as imposições da cultura colonial, englobando língua, religião, dentre outros fatores que ajudaram, de um lado, no esfacelamento de uma cultura tradicional e, de outro lado, contribuíram para o hibridismo dessa cultura angolana/africana. Por fim, o terceiro momento é marcado pela busca da identidade nacional, com o auxílio dos intelectuais e poetas que incitaram a sociedade por meio de movimentos com tal finalidade, sobretudo por meio da escrita engajada, como é a característica deste poema e consequentemente de seu autor.

Octávio Paz (2003) afirma que a ironia é um dos elementos fundantes da literatura moderna. Assim vemos que nesta poesia a ironia é um elemento bastante presente, como podemos conferir nos versos abaixo:





Elas vivem
as terras sentidas de África
no som harmonioso das consciências
incluída no sangue honesto dos homens
no forte desejo dos homens
na sinceridade dos homens
na razão pura e simples da existência das
[estrelas.
(AGOSTINHO NETO, 1985, p. 118-119).

No fragmento acima o poeta usa a ironia para apresentar ideias que não condizem com a realidade vigente, mas a terra ideal como o poeta e o povo angolano anseia.

Entendemos que o poema ao mencionar “Elas vivem/as terras sentidas de África”, deseja mencionar que África permanece viva graças ao desejo do povo de dias melhores. Angola, nesse sentido, não tem gozado dias de paz e sim de dias caóticos, frutos da exploração e outras atrocidades. Sendo assim, ao afirmar que “elas vivem”, o poema transmite um tom um tanto irônico, levando em consideração que em meio a tantas situações que demonstram que as “terras sentidas” sobrevivem e/ou insistem em permanecer sonhando com dias melhores.

No entanto, apesar de encontrarmos o tom irônico nos versos acima citados, este trecho todavia é repleto de elementos que remetem à esperança: “no som harmonioso das consciências /incluída no sangue honesto dos homens” (NETO, 1985, p. 118).

Acreditamos que no momento em questão algumas palavras mencionadas nos versos acima não dialogam com a realidade de Angola, especialmente, quando diz respeito a relação existente entre o colonizador e o colonizado, dentre elas podemos citar: “harmonioso”, “consciência”, “sangue honesto”, “sinceridade” e “razão”. Aqui podemos perceber uma dicotomia criada no poema em relação a realidade presente e a realidade ideal.





Em se tratando da realidade presente o exposto acima não a contempla, pois, o poema está apontando para uma realidade ideal, ou seja, a realidade que todos anseiam que um dia aconteça.

Consoante a isso, Silva (s/da, p.8) pondera, acerca do papel do texto literário, que ora ele é um instrumento que retrata a realidade, com o intuito de pensar sobre ela. Ora se apresenta como um condutor do mundo, permitindo a conscientização da realidade passada, presente e de projeções futuras. Sendo assim, compreendemos que o poema faz uma reflexão da realidade ideal, em outros termos, uma projeção futura do que se espera que seja Angola um dia, daí apontar para uma utopia nessa obra, a começar pelo título da obra, como já mencionamos anteriormente.

Além do exposto, “as terras sentidas” são constituídas por homens de forte desejo: “no forte desejo dos homens / na sinceridade dos homens / na razão pura e simples da existência das / [estrelas” (NETO, 1985, p. 1). O desejo de dias melhores é o que sustenta a nação. Nesse instante ao mencionar “homem” podemos inferir que está fazendo uma referência, em especial, aos formadores de opinião, dentre eles os poetas que propagam uma sociedade livre e melhor. Um dos elementos que dialoga com a visão acima é o fato dos movimentos de libertação de Angola, apesar de suas particularidades, enquanto lutava contra o colonialismo tinham um inimigo em comum, o colonizador.

Assim, a esperança de dias melhores que vive e reverbera entre a sociedade angolana, que foi propagada pelos intelectuais em Angola, dentre eles Agostinho Neto, vem ser um ponto chave de leitura nesse poema e não só, mas da obra *Sagrada Esperança*.

Silva (2013) tratando sobre, afirma que a escrita agostiniana propõe certa “consciencialização da necessidade de luta que dirige ao seu Povo e aos Povos do mundo. Mensagem de fé e esperança. De amor, de fraternidade, de





solidariedade, de paz para todos os homens” (SILVA, 2013, p. 18). O poema em questão demonstra essas características. Ele apresenta as marcas do colonialismo sem deixar de evidenciar no poema a esperança ao afirmar que apesar de todas as atrocidades as terras sentidas vivem.

O poema não apresenta a realidade vigente em angolana, mas a realidade que deveria ser. A utopia da terra sonhada onde há sons harmoniosos ao invés de gritos desesperados, consciência e, conseqüentemente, um lugar mais justo. Essa é uma das características dos versos de Agostinho Neto, segundo afirma Oliveira (2014):

Os versos de seus poemas expõem esteticamente a ânsia e a raiva de um povo, analisando socialmente a situação histórica em que estavam imersos, referindo-se às aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo. Neto não só fala do passado e do presente, mas também da busca incessante e da preparação para/de um futuro. (OLIVEIRA, 2014, p. 64).

O exposto nos leva a refletir sobre o quão completa é a produção de Agostinho Neto, no sentido de expor as angústias do povo angolano, tratando sobre o passado e o presente e semeando esperança e perspectiva de mudanças, de dias melhores. Dialogando com o exposto Santos (2009) afirma que:

[...] encontramos também ao longo de *Sagrada Esperança* o grito de revolta contra as injustiças que sofreu o continente, por isso alguns poemas trazem as referências de uma visão dolorosa. Contudo nem por isso o poeta deixa de conservar o seu otimismo num futuro glorioso. (SANTOS, 2009, p. 124).

Portanto, inferimos que os poemas de Agostinho Neto podem ser compreendidos como documentos históricos, considerando o fato de que refletem o passado e o presente, mas também o social, pois tratam dos





conflitos do povo e o poeta especialmente, entendemos que ocupa um papel “político” e engajado por não aceitar a realidade vigente e incentivar o povo à mudança.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura**: história e política, São Paulo: Editora Ática, 1989.

CAMPOS, Josilene Silva. **A historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**, Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26_JosileneCampos_AHistoricidadeDasLiteraturas.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2015

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**, 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Nobre Azul, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum, Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DEUS, Lilian Paula Serra e. **A língua é minha pátria**: Hibridação e expressão de identidades nas literaturas africanas de língua portuguesa. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea, 2. ed. Selo Negro, 2005.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

MEDEIROS, Alexsandro Melo; PANTOJA, Luana de Vasconcelos. **Filosofia Existencialista e Literatura Engajada**: Entre Sartre e Simone de





Beauvoir, Claireira – Revista de Filosofia da Região Amazônica. Volume 2
Número 2 – Ago-Dez/2015

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança, Renúncia impossível e Amanhecer**, Luanda: 2009: UEA, 182 p.

OLIVEIRA, Natália Medeiros. **O tema do exílio nas escritas poéticas de António Jacinto, Agostinho Neto, José Craveirinha e Rui Knopfli**, 2016, Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**, Editora Perspectiva, São Paulo: 2003.

SANTOS, Oluemi Aparecido dos. **Nas sendas da revolução: a poesia de Agostinho Neto e Solano Trindade**, 2009, Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SILVA, Antonio de Pádua de Souza e. **Pequena abordagem da poética de Agostinho Neto**, Ponta de Lança, São Cristóvão, v.6, n. 11 out. 2012- abril 2013.

VALERY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: BARBOSA, João Alexandre (Org.): **Variedades**, São Paulo: Iluminuras, 1991.

